

ARTIGOS

OS TEMPOS DA MEMÓRIA: (DES)CONTINUIDADE E PROJEÇÃO. UMA REFLEXÃO (IN)ATUAL PARA A HISTÓRIA?

*Jacy Alves de Seixas**

Resumo

O texto busca refletir sobre o movimento e os tempos da memória (nem sempre redutíveis ao(s) tempo(s) da história), sobre o caráter de descontinuidade que a singulariza e sobre a função aí inscrita de *atualização* das experiências outrora vividas. Assim procedendo, a memória constrói um tempo (carregado de afetividade) que, articulando ao seu modo passado/presente/futuro, remete imediatamente à dimensão espacial. Os tempos da memória designam ao mesmo tempo lugares de memória: toda memória (individual ou coletiva) vale-se de lugares (concretos e/ou simbólicos) para se exprimir, materializar-se. Esse movimento lhe é, portanto, intrínseco e não exterior como a noção de lugar de memória enquanto memória historicizada tem difundido.

Palavras-chave

Historiografia; memória; história; temporalidade.

Abstract

The text aims to reflect on memory's movement and times (which cannot always be reduced to history's time(s)), on the aspect of discontinuity that makes it unique and on the function, inscribed in it, of updating the experiences lived formerly. Thus, memory constructs a time (loaded with affectivity) which, articulating the past/present/future in its own way, immediately recalls the spatial dimension. Memory's times designate, simultaneously, places of memory: every memory (individual or collective) makes use of places (concrete and/or symbolic) to express itself, to materialize. Therefore, this movement is intrinsic to it; it is not external as the notion of place of memory, considered as historicized memory, has spread.

Key-words

Historiography; memory; history; temporality.

...o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar:¹

José Saramago

O fenômeno aparece-nos como algo recente, sendo, ao mesmo tempo, tão velho como o mundo ou, pelo menos, o mundo historicizado. Todos sabemos, historiadores de ofício ou não, que a memória presidiu os primeiros balbucios da história enquanto conhecimento, para, logo depois, com Tucídides, ser dela afastada por constituir o suspeito território da imaginação e do fabuloso, campo para a arte sedutora dos mitógrafos, mas não para o exercício árduo do historiador comprometido com a “verdade” dos fatos. Recentemente, ela ganhou ar de moda historiográfica servindo a usos institucionais, investidas patrimoniais e comemorações oficiais e, também, a resistências e afirmações (muitas vezes, inusitadas) de direitos e cidadanias..., mas, quanto mais se operacionaliza e se instrumentaliza a memória, e metodologias sofisticadas se armam para capturá-la, permanece o sentimento de que algo nos “escapa” para compreendermos a memória, esse “bem” pelo qual se mata e se morre na contemporaneidade, em nome do qual muros (simbólicos ou não) são derrubados ou levantados. Há cerca de vinte anos a história vem abrindo suas cidadelas à temática e às práticas da memória, tendo se multiplicado as obras que tratam de narrar o que se passou *efetivamente* ou de revisitar fatos históricos excepcionais, esquecidos ou recalcados a partir de relatos e testemunhos de experiências vividas e de biografias e autobiografias individuais ou coletivas. A constatação dessa nova proximidade e complicidade entre memória e história, ou dessa reapropriação da memória por parte da historiografia, não consegue, entretanto, inibir o sentimento de que os “historiadores têm uma espécie de vergonha da memória” (feliz expressão de Vidal Naquet), evitando problematizá-la e/ou ampliá-la em sua virtual caixa de ressonância. Curiosamente essa ausência de *reflexão* sobre a memória (e os significados de sua relação *atual* com a história) parece servir de contraponto à multiplicação mesma das práticas e usos indiscriminados da memória.

Procurando responder a essas indagações, desenvolvi pesquisa de caráter transdisciplinar buscando, precisamente, repensar as relações tecidas entre memória e história. Um cuidado preliminar foi o de considerar a primeira “como tal”, buscando estabelecer com outros campos do saber e da sensibilidade humana que a tematizaram – especialmente com a literatura (na obra de Proust) e com a filosofia (em autores como Bergson, Bachelard e Nietzsche) – um diálogo que pudesse informar a história sobre os procedimentos próprios da memória (nem sempre redutíveis aos métodos historiográficos). Nesse sentido, a rele-

vância de se compreender o “campo” em que ela se move, resgatando seu vínculo com a *percepção* situada no tempo presente e com a *ação*, atentando sobretudo às duas faces que a constituem intrinsecamente, a memória voluntária e a memória involuntária (a consideração de que os estudos históricos têm se limitado à primeira, desprezando ou ignorando o *involuntário* e *afetivo* inscrito nos atos de memória), o significado do esquecimento contido em todo ato de memória, e cuja consideração conduziria a uma reproblemática do *dever de memória* contemporâneo.²

O objetivo deste artigo é refletir sobre os “tempos” da memória ou, melhor, sobre o espaço-tempo em que ela se movimenta e sobre a necessidade de os estudos históricos – rompendo com o monólogo imperialista que lhes vêm caracterizando – a incorporarem reconhecendo e respeitando sua identidade e movimento próprios. Enfim, reconsiderar a possibilidade de, contrariando as interpretações dominantes que apregoam que “tudo as opõe”, e que hoje toda memória é inelutavelmente historicizada, enfocá-la em sua identidade e eloquência e, a partir daí, reaprender o diálogo sempre instigante entre memória e história. Afinal, o que a(s) memória(s) está(ão) nos querendo dizer atualmente, nessa profusão de manifestações?

O movimento da memória: uma espiral em (ex)tenção

A memória não é estática, nem seu volume e conteúdos são fixos; ela se movimenta, e esse movimento configura uma *espiral* no espaço e no tempo, que se inicia e se atualiza no presente – na “sensação atual” provocada, segundo Proust, pelo acaso – e, de forma espon-tânea, se “estende, simultaneamente, sobre várias épocas”.³

A memória não é jamais como aparece superficialmente, ou seja, como uma retrospectiva, um resgate passivo e seletivo de fatias de passado que vêm, como um decalque, compor ou ilustrar nosso presente; seu movimento, ao contrário, é antes de mais nada o de prolongar o passado no presente. A memória não é regressiva (algo que parte do presente fixando-se no passado); ela é prospectiva e, mais do que isso, é projetiva, lançando-se em direção ao futuro. “A verdade é que a memória não consiste absolutamente em uma regressão do presente ao passado, mas ao contrário em um progresso do passado ao presente”.⁴

O movimento da memória desenha, na acepção bergsoniana, *planos diferentes de consciência* que, possuindo um centro representado pela atividade da percepção presente, abrem-se em círculos que percorrem o espaço da memória voluntária e se expandem, de forma virtualmente crescente, atingindo regiões cada vez mais amplas da memória involuntária. Como toda lembrança se transforma à medida que se atualiza e, ao fazê-lo, enri-

quece e desenvolve a percepção atual que, por sua vez, atrai um número crescente de lembranças complementares, podemos avaliar a elasticidade e a tensão constitutivas desses campos ou espaços da memória.

Os espaços que a memória pode virtualmente percorrer evocariam, portanto, a imagem de uma espiral, embora Bergson prefira falar em círculo.⁵ Eis a imagem que se impõe à nossa imaginação: a memória é uma *espiral em (ex)tensão*, que configura em seu movimento *planos diferenciais* a serem percorridos pelo sujeito.

Em Proust, igualmente, a imagem da espiral mostra-se operante; a memória estende-se por planos múltiplos, embora teça profundas restrições ao papel desempenhado nesse processo pela inteligência.⁶ Por isso, o narrador adulto, ao confrontar-se finalmente com a verdadeira memória, no final do *Tempo redescoberto* (episódio da *matinée* Guermantes), refere-se aos personagens conhecidos por ele em momentos diversos de sua vida construindo imagens poderosas: “Bonecos, mas para identificá-los àqueles que havíamos conhecido, era necessário *lermos em diversos planos ao mesmo tempo, situados atrás deles e que lhes davam profundidade*”. Tal procedimento forçava o narrador a focar seus personagens envelhecidos – aqueles “velhotes fantoches” – de maneira inusitada, “pois éramos obrigados a *olhá-los ao mesmo tempo com os olhos e com a memória*”.⁷

Essa memória em profundidade não é pessoal, não está nunca dada, absoluta; depende do sujeito e do acaso que ela seja ou não percorrida, e *em que plano* de seu inesgotável percurso se deterá. Georges Poulet observa, nesse sentido, que há em Proust “uma infinidade de graus na perfeição da lembrança”,⁸ que convivem com muitas lembranças abortadas e com parcelas de passado definitivamente perdidas.

Encontramos em Proust, como em Bergson, a concepção de uma memória virtual destinada, em sua integralidade, a permanecer intocada, jamais reatualizada, jamais percebida, e nesse sentido para sempre perdida: “cada dia antigo permanece depositado em nós como existe em uma biblioteca imensa, entre os mais belos livros, um exemplar que sem dúvida jamais alguém irá pedir”.⁹

Mas a lembrança que se atualiza não o faz uniformemente, nem sua extensão está dada. *A memória não se possui, mas se percorre*. A memória supõe um espaço elástico no qual se move interessadamente, supõe uma seqüência de planos em “profundidade” que colocam em pauta a noção de tempo. Por isso, para falar do tempo da memória (noções quase inextrincáveis), tanto Bergson como Proust evocam o espaço, traduzindo o âmbito espaço-temporal em que toda memória se movimenta.

*Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora
Fernando Pessoa.¹⁰*

Se compararmos a noção de duração, presente tanto em Bergson quanto em Proust, são sobretudo as diferenças que retêm nossa atenção. A duração bergsoniana, como observou Georges Poulet, é plena e contínua; a duração proustiana, vazia e descontínua.¹¹ Detenhamo-nos nesse desencontro, fruto ainda uma vez de um encontro inicial, pois em seu interior concepções diversas da memória e da temporalidade serão formuladas. Precisoções conceituais que se revelam extremamente importantes para melhor compreendermos as relações entre história e memória e, também, para apontarmos algumas pistas para a compreensão do *boom* de memória dessa virada de século, das comemorações e memoriais às demais práticas sociais da memória. Afinal, a categoria tempo coloca-se no cerne mesmo da ambição de constituição da história como saber científico, qualquer que seja a corrente ou sensibilidade historiográfica. Lembremo-nos, por exemplo, da célebre e sucinta definição de Marc Bloch: “História: ciência dos homens no tempo. (...) o tempo da história é (...) o próprio plasma em que se banham os fenômenos, e como que o lugar da sua inteligibilidade”.¹²

A duração, noção pela qual Bergson busca apreender o tempo real, é fundamentalmente uma continuação daquilo que não é mais naquilo que é, uma retomada ininterrupta daquilo que precede no que se segue. Esse fluxo é contínuo e sem término (portanto, igualmente, sem começo) e projeta-se incansavelmente em direção ao futuro. Configura um *desenvolver-se* persistente que basta a si mesmo. Significa uma “transição ininterrupta, multiplicidade sem divisibilidade e sucessão sem separação, para encontrar enfim o tempo fundamental. Tal é a duração imediatamente percebida, sem a qual não teríamos idéia alguma do tempo”.¹³

A duração – e a memória, pois ambas vêm juntas¹⁴ – não é passível de ser dividida, fatiada, paralisada; impossível isolar-se um fragmento desse movimento contínuo. Dessa forma, a linear concepção de tempo bergsoniana expulsa o instante como constituindo algo irreal, pois todo fragmento de tempo vivido e experimentado, por mínimo que seja, *dura*. Esse aspecto merece toda nossa atenção (devido a sua complexidade e, insisto, relevância para pensarmos as relações entre memória e história a ele voltaremos várias vezes no curso dessas reflexões): imerso num fluxo contínuo, o tempo real não admite rupturas.

Ainda que distante da concepção de um tempo absoluto, impessoal e homogêneo, “o mesmo para tudo e para todos”¹⁵, Bergson fala de um tempo real uno, indivisível, em permanente devir: “toda duração é espessa: *o tempo real não possui instantes*”.¹⁶

Não à toa, Bachelard representará a duração bergsoniana valendo-se de imagens impregnadas de ironia: “um vôo em um céu límpido, um vôo que nada deslocasse, ao qual nada constituísse obstáculo, o *élan* no vazio, em síntese, o devir em sua pureza e em sua simplicidade, o devir em sua solidão”.¹⁷

Nessa perspectiva, devemos entender as dimensões temporais – passado-presente-futuro – em sua dinâmica fluida, considerando que essas dimensões da temporalidade humana não se detêm, não se singularizam, não há espaços entre elas. O que chamamos presente já é passado. As dimensões temporais como que se sobrepõem, encavalando-se linearmente, numa sucessão sem fim, revelando o caráter intrinsecamente projetivo da memória. Assim, escreve Bergson, o que a consciência chama “meu presente” é ao mesmo tempo “uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato”.¹⁸

A memória que se atualiza no presente, e que se move do passado em direção ao presente, não se detém nele; pela própria natureza contínua da duração, ela é portadora do futuro. O tempo da memória está longe, portanto, de se voltar exclusivamente para o passado, pois a duração engaja sempre o futuro. A concepção de tempo bergsoniano encontra, então, uma feliz expressão na metáfora do “bloco” – outra imagem sugestiva de Bachelard –, em que passado-presente-futuro se fundem numa “unidade indestrutível”, fazendo com que todo passado esteja indissolivelmente unido a um futuro.

Duração e memória pressupõem-se e entrelaçam-se, formando o magma que movimenta, juntamente com a consciência, a espiral do tempo. “Impossível imaginar ou conceber um traço de união entre o antes e o depois sem um elemento de memória e, conseqüentemente, de consciência”, escreve Bergson. Ou, ainda, de forma conclusiva:

(...) é impossível distinguir-se entre a duração, por mais curta que seja, que separa dois instantes e uma memória que os ligaria um ao outro, pois a duração é essencialmente uma continuação daquilo que não é mais naquilo que é. Eis o tempo real, quero dizer, percebido e vivido. Eis também não importa qual tempo concebido, pois não se pode conceber um tempo sem representá-lo percebido e vivido. Duração implica, portanto, consciência; e nós colocamos a consciência no fundo das coisas pela simples razão que lhe atribuímos um tempo que dura.¹⁹

E se a consciência – crítica da inteligência, Bergson a aproximará radicalmente da intuição – insere com determinação a problemática da identidade e da subjetividade no âmbito da memória, ela o faz tecendo um vínculo com a *liberdade* humana, pois a verdadeira memória não é redundante ou repetitiva, ao contrário, opera “prolongando e conservando o passado num presente que dele se enriquece”.²⁰

A memória proustiana é certamente outra, incompatível com as noções de continuidade e linearidade; mas, também, ela constrói um tempo prospectivo e projetivo. “Os momentos do passado”, afirma Proust, “não são imóveis, guardam em nossa memória o movimento que os conduzia em direção ao futuro – um futuro que se tornou igualmente passado (...)”.

A memória proustiana está longe de ser como ela se apresenta superficialmente, como o “eterno retorno”, a repetição imediata do passado, significando, ao contrário, uma eterna retomada, “uma forma diferente de durar, um tempo que recomeça de novo”.²¹ O passado proustiano é feito de multiplicidades e de muitas possibilidades de encontros e de perdas, a memória atualizada projeta-o num futuro iminente, conferindo-lhe tons próprios.

A esse respeito, Deleuze observou com pertinência: “Lembrar-se da promessa feita não é lembrar que ela foi feita a tal momento passado mas que deve ser cumprida em tal momento futuro”.²²

Esse *élan* da memória projetando-se em direção ao futuro é admiravelmente expresso por Proust em algumas reflexões consagradas ao sentimento amoroso: freqüentemente, pondera, quando começamos a amar e experimentamos o sentimento e a ilusão de eternidade desse sentimento, a memória intervém involuntariamente lembrando-nos, num instante dramático e doloroso, que

(...) um dia aquela que nos ocupa o pensamento nos será tão indiferente como todas as outras que não são ela... Ouviremos seu nome sem dolorosa volúpia, veremos sua escrita sem tremer, não mudaremos nosso trajeto para percebê-la na rua, nós a encontraremos sem perturbação, a possuiremos sem delírio.²³

Também em Nietzsche, encontramos esse elo entre passado e futuro explicando os movimentos da memória e do esquecimento em sua relação com a história. “A palavra do passado é sempre palavra de oráculo”, sublinha, nós a deciframos apenas se formos “os construtores do futuro e os intérpretes do presente”.²⁴

O tempo espacializado: os tempos perdidos e (re)encontrados pela memória

– O tempo não tem nenhuma “realidade”. Quando ele vos parece longo, ele é longo, e quando ele vos parece curto, ele é curto, mas de qual extensão ou de qual brevidade, isto ninguém sabe. (...). Joachim replicou: – Como? Não. Nós o medimos. Nós temos relógios e calendários, e quando um mês passou, ele passou para ti e para mim, e para nós todos (...). – Mas é preciso tempos muito diferentes... para nosso sentimento. De fato, eu digo: de fato, repetiu Hans Castorp (...) é um movimento, um movimento no espaço, não é? Atenção, por favor: Nós medimos portanto o tempo através do espaço. (...) Assim, o que é o tempo? (...) O espaço, nós o percebemos pelo sentido, pela vista e pelo tato. Perfeito! Mas qual de nossos sentidos percebe o tempo?
Thomas Mann²⁵

O tempo vivido que a memória busca resgatar ou “ressuscitar” apresenta-se inicialmente, e não apenas para Proust ou Bergson, como um tempo perdido. Quem não experimentou, com mais ou menos angústia, o sentimento de fatias de vida e de experiências compartilhadas que se esvaem perdidas nas brumas espessas do esquecimento. O “não lembro mais... isto tudo está perdido” – expressão tão conhecida de cada um de nós e que os pesquisadores da história oral buscam garimpar.

Bachelard, em delicada paráfrase, escreverá a respeito do “vago sofrimento [que sentimos] quando vamos em busca dos instantes perdidos”.²⁶ Também para a história, o tempo da memória tem sido contemporaneamente visto como irremediavelmente perdido (a noção de “memória historicizada” de Pierre Nora remete precisamente a esse conteúdo).

Entretanto, é preciso reconhecer que a memória, *valendo-se de recursos vários*, no embate com esses vários tempos perdidos e acantonados em regiões longínquas e instáveis, não tem se saído vencida (ainda que tampouco vencedora), pois, no final do percurso, constatamos que o *temps retrouvé* tem-se imposto, muitas vezes de forma impactante e violenta.

Mas, *como* o tempo passado pode ser *reencontrado* pela memória? Quais são os recursos dos quais a memória se valc? Bergson, Bachelard e Proust trouxeram respostas diversas a essa questão, depois de enfrentarem-na com paixão.

O jogo das “substituições” em Bergson

...mas, quando tentamos cortá-la [a duração], é como se passássemos bruscamente uma lâmina através de uma chama: dividimos apenas o espaço por ela ocupado.²⁷

Bergson

A duração pura ou o tempo real, na acepção bergsoniana, é inacessível à consciência, significa o fluxo ininterrupto, em que o instante que pontuaria um começo ou um fim está definitivamente excluído. Esse tempo indivisível é um tempo para sempre perdido para os homens. Entretanto, pode se tornar mensurável e, para isso, a inteligência vale-se de um ardil, *especializando o tempo para poder reencontrá-lo*.

As metáforas são inúmeras buscando dar conta desse processo: pretender dividir a duração seria como cortar uma chama com uma lâmina, afirma Bergson, o que é dividido é apenas o espaço ocupado por ela. Ou ainda: o tempo material e universal pode ser representado por uma estrela cadente, sua mobilidade que é a duração pura não é mensurável, apenas podendo sê-lo pelo rastro que deixa no espaço. O tempo medido e mensurável é, portanto, uma “construção do espírito” e não o tempo real. Nossa consciência arditosamente *substitui o tempo pelo espaço*, isto é, *especializa o tempo* para poder concebê-lo, medi-lo. Dessa forma, o tempo nos aparecerá como o desenrolar de um fio, como uma linha, uma trajetória, um antes e um depois claramente pontuados.

O tempo impessoal e universal, se é que existe, prolonga-se sem fim do passado ao futuro: é feito de uma única peça; as partes que distinguimos são simplesmente as de um espaço que dele desenha o traçado, e que se torna aos nossos olhos seu equivalente; dividimos o *desenvolvido*, mas não o *desenvolvimento*.²⁸

É o tempo espacializado, portanto, que torna acessível o já transcorrido (o passado e o presente que, nesse momento, já é passado); o tempo futuro parecendo aqui banido do conhecimento.

Engano. Pois, ao espacializar o tempo, e assim imobilizá-lo, a consciência faz surgir algo inexistente no tempo real: o instante. O instante nada mais é do que uma abstração, pois não participa da natureza do tempo real (a duração), é um corte artificial efetuado pela inteligência, uma falsa ruptura, são “paralisações virtuais”. O instante, na acepção bergsoniana, é “imposto do exterior pela inteligência que não compreende o devir senão referenciando-o a estados imóveis”.²⁹ Realizando divisões intelectuais na duração real, essa operação substitui, à sucessão real, a justaposição dos momentos *transcorridos* e simultaneidades que podem ser contadas. E isso é feito sob a pressão das exigências e necessidades

práticas da vida. O espírito “traça divisões na continuidade da extensão, cedendo simplesmente às sugestões e às necessidades da vida prática. Mas para dividir assim o real, devemos nos persuadir primeiro que o real é arbitrariamente divisível”.³⁰

O espaço para Bergson não possui, portanto, mais realidade do que um esquema ou um símbolo. Então, por que ainda perseverar e chamar de tempo o tempo espacializado? É a presença da nossa consciência (enriquecida pela intuição) que o garante, pois “reinsufla duração viva no tempo ressecado em espaço”.³¹ Eis a *segunda substituição* operada pela análise bergsoniana do tempo e da memória. O abstrato tempo espacializado – o tempo passado e presente, o tempo da história –, que se havia substituído anteriormente ao tempo real, cede lugar ao tempo realmente experimentado, aquele da sucessão da duração, o tempo da verdadeira memória, que ata passado e futuro num mesmo fluir, que implica ao mesmo tempo “a multiplicidade dos elementos e a penetração recíproca de todos por todos”.³² Assim, os instantes e as simultaneidades podem reencontrar o fluxo da duração interior.

Esse jogo de “substituições” é possível, pois a espacialização do tempo, segundo Bergson, possui uma “virtude mágica”: criada por nós “ela faz mais do que nós lhe pedíamos: pois não podemos converter em espaço o tempo já transcorrido sem tratar da mesma forma o Tempo em sua integralidade: ‘o ato pelo qual introduzimos o passado e o presente no espaço coloca, sem nos consultar, o futuro. Este futuro permanece, sem dúvida, coberto por uma tela; mas o temos agora lá, completo, dado com o resto (...)’”.³³ Ou seja, é impossível espacializar apenas uma parte da duração e resignar-se à ignorância ou à imprevisibilidade em relação ao futuro – encarado, então, como “promessa ou espera de novidade imprevisível”.

O tempo real perdido, a duração, é, pois, construído artificialmente pela inteligência, que inventa um tempo espacializado (*primeira substituição*), simbólico e convencional, abrindo dessa forma à consciência a possibilidade de medi-lo e de organizá-lo a partir da justaposição e da simultaneidade entre os vários instantes. Entretanto, esse tempo não é real, não é o tempo realmente experimentado e percebido pelos homens, o tempo da ação. Esse é *reencontrado* por meio de uma *segunda substituição*, implícita na primeira, que permite ao sujeito passar da justaposição à sucessão e fusão presentes na duração interior.

Essa segunda substituição, que conduz ao *tempo reencontrado* bergsoniano, não é atingida pelos procedimentos da inteligência, que se revela impotente para pensar a mobilidade inscrita na duração real, a continuidade real do nosso ser. Aqui encontramos os fundamentos da crítica bergsoniana à inteligência: se a inteligência é imprópria para pensar a duração e a memória, é à *intuição* que Bergson apelará para reintegrar essas dimensões.³⁴

Bergson parece não estar muito à vontade com a espacialização do tempo, ao contrário da disposição presente em Proust.³⁵ Para o filósofo, se a inteligência cria o espaço necessário em que os momentos se alinham sem jamais se interpenetrarem, é necessário, entretanto, num segundo momento, aniquilar esse espaço e “voltar pela intuição à duração pura”. A passagem da primeira à segunda substituição – artifícios do método bergsoniano – pode ser melhor compreendida a partir da consideração de uma distinção básica: é preciso “distinguir o ponto de vista do conhecimento usual ou útil daquele do verdadeiro conhecimento. A duração na qual nós nos olhamos agir, e na qual é útil que nos olhemos, é uma duração em que os elementos se dissociam e se justapõem”. Esses “elementos” são os instantes, criados pela operação intelectual que espacializa o tempo, mas inexistentes na realidade. Porém, a “duração em que agimos é uma duração onde os estados se fundem uns nos outros”,³⁶ atualizando-se e projetando-se para a frente. Esse é o tempo reencontrado bergsoniano.

Bachelard: o instante como única realidade

*O tempo possui apenas uma realidade, a do instante. (...)
Aceitamos que o ideal da vida seja a vida ardente do efêmero (...)
Bachelard³⁷*

A noção de um tempo *contínuo* que ata passado-presente-futuro num “bloco indestrutível” será duramente criticada, no campo da filosofia, por Bachelard, cuja reflexão é toda centrada na recuperação do *instante* (portanto, do *presente*) como única dimensão real do tempo: “o presente não passa”, afirma, “pois apenas deixamos um instante para reencontrar outro; a consciência é consciência do instante e a consciência do instante é consciência (...)”.³⁸

Deparamo-nos, aqui, portanto, com o avesso do ponto de vista bergsoniano, para o qual o tempo real não pode conter o instante; para Bachelard, o único que conta é o instante, essa dimensão temporal privilegiada da modernidade e pós-modernidade.

O instante presente é o único domínio em que a realidade é experimentada,³⁹ constituindo o caráter verdadeiramente específico do tempo. Nessa ótica, sublinha que:

(...) a experiência imediata do tempo não é a experiência tão fugaz, tão difícil, tão complicada da duração, mas a experiência descuidada do instante, apreendido sempre como imóvel. Tudo o que é simples, tudo o que é forte em nós, tudo o que é durável, é o dom de um instante.

À continuidade, definidora da duração bergsoniana, Bachelard oporá a descontinuidade essencial que alinha os instantes. Ao incorporar a noção de um tempo descontínuo, realça a importância daquilo que começa, do novo e das rupturas, dos atos criativos, daquilo que é *atual*: “nós nos obstinaremos a afirmar que o tempo não é nada se nele não se passar nada, que a eternidade antes da criação não tem sentido (...)”.⁴⁰

Mas, se apenas o instante e o presente têm dimensão real, como entender a duração, a possibilidade de continuidade da nossa consciência, das nossas experiências? A duração nada mais é do que uma “impressão” forjada pela memória. Se, em Bergson, como vimos, o instante é uma abstração (forjada pela inteligência), em Bachelard a duração é que constituirá esse artifício. Opor, à realidade da duração, a realidade do instante, virando a teoria bergsoniana pelo avesso, é o ponto de partida da crítica à continuidade bergsoniana.

A verdadeira realidade do tempo é o instante – afirma Bachelard – a duração é apenas uma construção sem nenhuma realidade absoluta. É constituída do exterior pela *memória*, *poder de imaginação por excelência*, que quer sonhar e reviver, mas não compreender.⁴¹

São a *memória* e a imaginação, faculdade que lhe é correlata, que construirão uma trama suficientemente regular “para dar ao mesmo tempo a *impressão* da continuidade do ser e da rapidez do futuro”. E a memória é concebida como *memória dos instantes*, dos fragmentos sem passado e nem futuro, que ela vem solidarizar e uniformizar: “a lembrança da duração está entre as lembranças menos duráveis. Lembramos de ter sido, não lembramos de ter durado”, escreve Bachelard, para concluir de forma enfática: “A memória, guardiã do tempo, guarda apenas o instante; ela não conserva nada, absolutamente nada, de nossa sensação complicada e factícia que é a duração”.⁴²

Reside aqui, parece-me, o ponto mais instigante da reflexão de Bachelard, em sua busca do “instante perdido” e de uma síntese instante/duração. A elaboração de uma noção de tempo composto por uma “poeira de instantes”, que nada são sem a memória, capaz de, num *fenômeno de perspectiva*, solidarizá-los de múltiplas formas, construindo entre eles um vínculo, uma “cadeia”.

Análise estimulante porque o pensamento de Bachelard traz à luz, com ímpeto, uma dimensão que permanece latente em Bergson: a da história. Pois noções radicalmente diversas de história são elaboradas ao se definirem diversamente tempo e memória. A noção de duração bergsoniana traz implícita uma concepção de história que enfatizaria as noções de origem, de evolução – que a historiografia dos *Annales*, em formação, criticará com veemência⁴³ –, exclui os cortes e as rupturas só retendo o *fluir*, o *evoluir*, o *continuar*. Para Bergson, acredita Bachelard, as palavras “antes” e “depois” possuem apenas um sentido referencial:

(...) em cada um de nossos atos (...) podemos apreender o caráter acabado daquilo que se esboça, o fim no começo, o ser e todo o seu devir no élan do germe. (...) entre o passado e o futuro seguimos uma evolução que em sua sucessão geral parece contínua.⁴⁴

Essa noção de história – “uma história sem histórias, uma incidência sem incidentes”⁴⁵ – não integra o instante criador, o começo, a novidade, o acidental; é carente do que Bachelard chama de “doutrina dos começos”. A duração bergsoniana não consegue dar conta do ato criador, que no entanto se impõe, pois aquilo que dura, replica Bachelard, “deve de alguma forma começar”.

Ao privilegiar um tempo essencialmente descontínuo, formado por instantes criadores, densos e múltiplos, Bachelard insere-se em uma outra concepção de história, em uma *outra temporalidade*, que privilegiará o presente. Metodologicamente falando, trata-se da noção de que toda história é sempre história do presente, do *atual* – crítica da idéia da história como a ciência do passado, mas “tentar compreender o passado pelo presente, ao invés de se esforçar em explicar o presente pelo passado (...)”.⁴⁶ O tempo real existe verdadeiramente apenas pelo instante isolado, ele está inteiro no atual, no tempo presente.

Bachelard propõe, no lugar da filosofia da ação bergsoniana (compreendida essa como um “desenvolvimento contínuo” inscrito na duração), uma filosofia do *ato*, implicando as idéias de criação, de “propulsão”, do “atual” inscritos na descontinuidade do tempo. É do (e no) instante que a vida pode ser e deve reinventada:

(...) a vida não corre ao longo de uma ladeira, no eixo de um tempo objetivo que a receberia como um canal. (...) é sempre em um instante que ela encontra sua realidade primeira. (...) a natureza do ato é ser (...) atual. E como não ver em seguida que a vida é o descontínuo dos atos?⁴⁷

Para construir a duração com instantes sem duração é, entretanto, necessário que a memória constantemente os atualize no instante presente, imprimindo uma perspectiva, uma direção ao tempo. Passado e futuro só têm existência na dependência da escolha ou da *construção de uma perspectiva* por parte do sujeito. Múltiplas perspectivas, na verdade, assim como múltiplas são as subjetividades virtuais em ação.

“Passado e futuro não tocam a essência do ser, ainda menos a essência primeira do tempo. (...) o tempo é o instante e é o instante presente que possui toda a carga temporal”. E porque o instante é solitário “é preciso que *nós* construamos a perspectiva dos instantes que designa sozinha o passado e o futuro”.⁴⁸ A função da memória reside, portanto, em imprimir passado e futuro, em atualizar a lembrança de instantes sem passado ou futuro. Por isso a idéia de que a memória de alguma forma uniformiza (idéia presente igualmente

em Proust), construindo a trama da duração, ou seja, colocando um após outro instantes concretos, isolados, plenos de novidade. *A memória é, portanto, relativa* posto que dependente das subjetividades múltiplas e heterogêneas que atuam em sua construção.

Importante considerar que a crítica de Bachelard à noção de duração bergsoniana e sua afirmação do instante é feita reivindicando como suporte a teoria da relatividade einsteineana, que destruiu a idéia de um tempo absoluto, colocando a relatividade espaço-tempo em função do observador, ou seja, do sujeito. Curioso, pois Bergson igualmente buscara apoiar em Einstein sua teoria da duração, dedicando todo um livro (*Durée et simultanéité*) a uma minuciosa discussão do tema. Esse aspecto é relevante para compreendermos o quanto a discussão sobre a memória se dá em sintonia com as mais recentes descobertas no campo da física relativas à questão do tempo. De fato, desde o início do século, com a teoria da relatividade (1905) e a mecânica quântica (princípio de Heisenberg, 1927) é cientificamente descartada a possibilidade da observação que não dependa do observador. Proust, igualmente, não passou ao largo dessas discussões.

Proust: o instante, a (des)continuidade, Tempo atualizado e reencontrado

Nada mais do que um momento do passado? Muito mais, talvez; alguma coisa que, ao mesmo tempo comum ao passado e ao presente, é mais essencial do que ambos.
Proust⁴⁹

Compreender a complexa noção de tempo em Proust exige, como postura preliminar, a atenta consideração da distância que a separa da duração bergsoniana, apesar de a crítica literária e filosófica ter insistido, durante décadas, no bergsonismo do escritor.⁵⁰ Proust falará de tempos diversos e múltiplos, colocando a *descontinuidade* em primeiríssimo plano, juntamente com o *instante* único e isolado que guarda latente a possibilidade da memória. De uma memória também fugidia, que se movimenta para frente e para trás sem obedecer a qualquer sucessão necessária.

Nesse sentido, nossos inúmeros passados – subjetividade que se constrói no plural... – permanecem como que confinados em “mil recipientes fechados”⁵¹ referenciados a momentos variados de nossas vidas durante os quais não cessamos de mudar. A distância e a descontinuidade entre as lembranças que nos vêm bruscamente e o nosso estado atual não são pequenas, e, no entanto, afirma Proust, porque já as experimentamos outrora, sentimos uma “sensação profunda de renovação” ao reencontrá-las ou ao reexperimentá-las.

De fato, a reatualização operada pela memória se dá num *instante*, que não tem duração maior que a de “um relâmpago”. Escreve Proust:

(...) então por um *momento*, os nomes retomam sua antiga significação, os seres seu antigo rosto, nós nossa alma de então, e *sentimos (...) os problemas há muito tempo insolúveis que nos angustiavam tanto*. Nosso eu é feito da *superposição de nossos estados sucessivos*. Mas esta superposição não é imóvel como a estratificação de uma montanha. Constantemente, levantamentos trazem à superfície camadas antigas.⁵²

É essa superposição e esse trazer à tona que constituem o fundamento mesmo da memória, pois o passado que “retorna” de alguma forma não passou, continua ativo e atual, e, portanto, muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, *reatualizado*. Por isso o sentimento proustiano de que o passado outrora vivido é ressuscitado no presente: “a impressão foi tão forte que o momento que eu vivia [no passado] pareceu-me ser o momento atual”.⁵³

É curioso, mas é preciso reconhecer que é Proust (ou, se preferirmos, a narrativa estética) quem conseguirá levar a bom termo o desafio não resolvido pela filosofia: o de *integrar ou compatibilizar duração e instante*; pois é no instante em que se atualiza a memória que a descontinuidade da duração se revela por inteiro, que a espiral do tempo (e da memória) se abre, ao mesmo tempo lacunar e sem mais mistérios. Mas esse instante não traz o passado repetido, ele é também criativo, recriando a duração ou, melhor, o que Proust designa como o Tempo (com maiúscula), que contém um *continuum* (que não tem nada a ver com a duração bergsoniana.). O instante é aqui, por assim dizer, portador de uma duração.

“E para melhor fundir todos os meus passados”, observa Proust.⁵⁴ A memória proustiana opera fusão, quando em Bergson há apenas sucessão, conseguindo resgatar essa “superposição” de tempos, tempos múltiplos precisamente porque incorpora o instante, colocando-o na condução da memória. Esse jogo se explicita claramente na seqüência final de *Em busca do tempo perdido*, na extraordinária “*matinée* Guermantes”, quando o narrador, procurando a causa de sua sensação de bem-estar e de felicidade, percebe que “se forma” nele uma idéia original do Tempo.

Ora, esta causa – escreve Proust – eu a adivinhava comparando as diversas impressões felizes e que possuíam em comum que eu as *experimentava ao mesmo tempo no momento atual e no momento distante*, até sobrepor o passado sobre o presente, e fazendo-me hesitar em saber em qual dos dois eu me encontrava; na verdade, o ser que então experimentava em mim esta impressão experimentava-a no que ela tinha de comum antigamente e agora, no que ela tinha de extra-temporal, um ser que aparecia apenas quando, por uma dessas identidades entre presente e passado, podia encontrar-se no único meio onde poderia viver, gozar da essência das coisas, isto é, *fora do tempo*.⁵⁵

Porque *funde* instante e duração, Proust cria esteticamente uma dimensão particular do tempo: o “fora do tempo”, o “atemporal”; esse “*hors du temps*” proustiano que só emerge, entretanto, porque trama todos os tempos descontínuos e assimétricos constitutivos de uma duração. O “fora do tempo” não me parece absolutamente designar uma instância metafísica, um instante imobilizado entre o presente e o passado, uma paralisação momentânea no fluxo irreversível do tempo;⁵⁶ ao contrário, em meu ponto de vista, o “*hors du temps*” proustiano é ao mesmo tempo um “*dans le temps*” – expressão com a qual Proust finaliza sua obra –, que possibilita a reconciliação do instante com a duração.

Há ainda, para os nossos propósitos, outra passagem a reter, expressiva da fusão instante/duração operada pelo Tempo proustiano, esse tempo intermitente, avesso à linearidade, que busca apreender toda a multiplicidade e descontinuidade das experiências humanas e da memória. Nela, reencontramos a *dimensão espaço-tempo*, essencial para que se possa “devolver” à memória sua complexa e *relativa* substância. Na realidade, toda memória é constituída de *planos de tempo*, e é necessário “suprimir” a memória voluntária para se atingir a dimensão maior da memória involuntária, aquela que resgata porque funde todos os passados, e esses ao momento presente. Escreve Proust, no final de sua obra:

Assim cada indivíduo (...) media para mim a duração pela revolução que havia realizado não somente em torno de si mesmo, mas ao redor dos outros, e principalmente pelas posições ocupadas sucessivamente em relação a mim. Sem dúvida, todos esses planos diferentes segundo os quais o Tempo (...) dispunha minha vida, fazendo-me pensar que (...) seria necessário utilizar, em oposição à psicologia plana usada habitualmente, uma espécie de psicologia no espaço, acrescentavam uma beleza nova a estas ressurreições que minha memória operava enquanto eu refletia sozinho na biblioteca, pois a memória, introduzindo o passado no presente sem modificá-lo, tal como era no momento em que era o presente, suprime precisamente esta grande dimensão do Tempo segundo a qual a vida se realiza.⁵⁷

A memória introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas, necessariamente, atualizando-o; é preciso considerar atentamente que o passado é via de regra plural, um pulsar da descontinuidade. Há um confronto de memórias na “*matinée Guermantes*”: a do narrador e a memória voluntária de seus personagens emblemáticos. Encontro com Odette, com a Duquesa de Guermantes, com Gilberte... a memória proustiana recupera-as integralmente porque funde na Odette envelhecida, por exemplo, todas as outras que a precederam. Assim, o narrador pode registrar com complacência as lembranças enganosas de seu personagem: “Ela se enganava, não que não tenha desde sempre preenchido abundantemente as reservas de minha imaginação, mas de uma maneira mais involuntária, e por um ato emanado de mim mesmo que tirava dela, à sua revelia, as leis de sua vida”.⁵⁸

A dimensão espacial do tempo proustiano é um tema bastante realçado pela crítica literária. A obra proustiana representando não apenas uma busca do tempo perdido, mas, também e concomitantemente, do espaço perdido,⁵⁹ dos inúmeros lugares idos e vividos. Assim, escreve Proust, a propósito da pequena cidade onde o narrador de *Em busca do tempo perdido* passara sua infância: “Combray tinha para mim uma forma tão à parte, tão impossível de ser confundida com o resto, que representava um quebra-cabeça que eu não conseguiria jamais fazer entrar no mapa da França”.⁶⁰

A espacialização do tempo é aqui, diversamente da discutida em Bergson, operada sem desconfortos e sem “perdas”. Em Proust, ao contrário, os lugares de memória acolam-se, formam encruzilhadas, retas, transversais, cada um deles formando “mundos” à parte, passíveis de serem colocados em comunicação pela memória. Mundos intermitentes e vacilantes, integrados como num caleidoscópio (a metáfora da “lanterne magique” é extremamente atuante em Proust), pelos poderosos movimentos da memória.

Uma vez desencadeada, a espiral da memória pode levar a lugares diversos: assim, a simples visão da jovem Mademoiselle de Saint Loup (filha de Gilberte e de Saint Loup) conduz a memória do narrador aos “deux côtés” de sua infância em Combray – o de Guermites e o de *chez Swann*, que é o de Méseglise –, mas também conduz à sua juventude em Balbec, à primeira menção a Odette como a “dama de rosa”, a Swann, à música de Vinteuil, à própria Albertine, à vida mundana em Paris, aos Champs-Élysées, ao terraço da Raspelière...⁶¹ Mas, esses planos descontínuos e lacunares da memória proustiana constroem, desta forma, uma continuidade, distante da duração bergsoniana porque aqui é o próprio instante que é o portador da duração.⁶² E é tão forte o sentimento desta *retomada* do tempo que o personagem se sente “renascer”.

Por isso, a idéia, em Proust, de que nossa “vida é vagabunda, nossa memória é sedentária”,⁶³ ou seja, à descontinuidade das experiências ao longo do tempo, a memória, igualmente descontínua, revela a possibilidade de algo único. Assim, a propósito do encontro com Gilberte (filha de Swann e de Odette, primeira paixão do narrador ainda criança), transfigurada em Guermites e esquecida de seu passado: “havia várias duquesas de Guermites, como houvera, desde a dama de rosa, várias madame Swann, separadas pelo éter incolor dos anos (...)”. Mas todas, tão diversas, compunham uma “via láctea” formada pela “segmentação de uma única e mesma estrela”.⁶⁴ Ou, como observou J. Megay: “que a mulher amada se chame Gilberte, Mme. De Guermites ou Albertine, a maneira de amar não mudara”.⁶⁵

A memória, portanto, constrói o real, muito mais do que o resgata. Há em Proust a noção de uma otimista *memória construtivista*. A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação a outros),

mais do que recuperando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente”⁶⁶ – a memória, valendo-se das faculdades da imaginação, recria o real. Nesse sentido, é a própria realidade que se (trans)forma na (e pela) memória. O tempo perdido e reencontrado (no sentido de retomado, de um tempo que começa de novo, e não do eterno retorno do mesmo) não se refere apenas ao passado, mas também ao futuro ou, melhor, como observou G. Poulet em seu ensaio sobre Proust, à capacidade tanto tempo esquecida de “ter fé em um futuro”.⁶⁷

Se em Bergson a realidade do ser é a duração, se em Bachelard essa dimensão migra para o instante presente, em Proust, a sensibilidade volta-se igualmente para o presente e para a força do instante, mas também para a trama descontínua, construída pela memória de tantos momentos e lugares do passado. Fazendo com que a *realidade* se situe precisamente nessa dimensão construtivista, fundindo instante e duração num *continuum* tecido a partir do que é por definição descontínuo. E, ao designar essa dimensão da experiência dos homens construída pela memória de *atemporal*, Proust o faz, sem dúvida, como recurso e linguagem estéticos; pois para ele há um local privilegiado e exclusivo desse encontro de desiguais, a arte, a única em seu ponto de vista a conseguir operar a síntese entre instante e duração. Mas, ao fazê-lo, deixa ao historiador, aproximando estética e história, a sugestão de uma outra maneira de proceder para entender as relações tecidas entre memória e história; procedimento que incorpore as discontinuidades e o instante criador, seu imbricamento, suas aproximações e distâncias.

Uma última observação. Esta reflexão sobre os tempos da memória leva-nos à necessidade de considerar mais atentamente o fato de que eles remetem imediatamente à dimensão espacial: ou seja, os *tempos da memória designam ao mesmo tempo lugares de memória*, toda memória (individual ou social, coletiva) vale-se de lugares (concretos e/ou simbólicos) para se exprimir, materializar-se. Esse movimento lhe é, portanto, intrínseco e não exterior, não podendo constituir de forma alguma uma noção cunhada historiograficamente, como os estudos históricos têm recentemente insistido e difundido com aceitação que não deixa de preocupar ao ganhar uma dimensão de mentalidade dominante ou resistente *habitus* intelectual.

*Artigo recebido em nov/01 e aprovado para publicação,
pelo Conselho Editorial, em dez/01.*

Notas

* Universidade Federal de Uberlândia.

¹ Saramago, J. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 168.

² Temas abordados em vários artigos: Seixas, J. A. de. “Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica”. In: Bresciani, S.; Brephohl, M. e Seixas, J. *Razão e paixão na política*. Brasília, Editora da UNB (no prelo); Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. *Revista História: Questões e Debates* n. 32. Curitiba, PGHIS/UFPR, jan/jun de 2000, pp. 75-95; “Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais”. In: Bresciani, S. e Naxara, M. (orgs.). *Memória e (Res)sentimento – indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001, pp. 37-58. Essa pesquisa foi financiada pelo CNPq.

³ Proust, M. *A la recherche du temps perdu – Le temps retrouvé*. Paris, Gallimard, Bibliothèque de La Pléiade, t. III, 1954, p. 918.

⁴ Bergson, H. *Matière et mémoire*. Paris, PUF/Quadrige, 1985, p. 269.

⁵ Idem, ibidem, pp. 272-274. Cito: “Localizar uma lembrança não consiste tampouco em inseri-la mecanicamente entre outras lembranças, mas em descrever, através de uma expansão crescente da memória em sua integralidade, um círculo suficientemente amplo a fim de que este detalhe do passado aí figure”.

⁶ Sobre a questão essencial da crítica proustiana à memória intelectual, e a perspectiva que tal enfoque pode abrir aos estudos históricos, ver Seixas, op. cit., no prelo.

⁷ Proust, op. cit., p. 924. Eu sublinho.

⁸ Poulet, G. *Etudes sur le temps humain*. Paris, Éditions du Rocher, 1989, v. 1, p. 410.

⁹ Proust, M. *A la recherche du temps perdu – La Fugitive*. Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1954, t. III, p. 544.

¹⁰ “Cancioneiro”. In: *Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro, José Aguillar, 1969, p. 141.

¹¹ Poulet, op. cit., p. 403.

¹² Bloch, M. *Apologie pour l'histoire ou métier de l'historien* [1941]. Traduzido para o português com o título insofoso de *Introdução aos estudos históricos*. Portugal, Publicações Europa-América, 1965, pp. 29-30.

¹³ Bergson, H. *Durée et simultanéité – à propos de la théorie d'Einstein*. Paris, Felix Alcan, 1923, p. 55.

¹⁴ Cito esta importante passagem: “Sem uma memória elementar que ligue os dois instantes um ao outro (...) não há sucessão, não há tempo. Podemos conceder a esta memória apenas o necessário para fazer o elo; ela será, se quisermos, este elo mesmo, simples prolongamento do antes no depois” (Cf. Bergson, op. cit., 1923, p. 61).

¹⁵ Bergson, op. cit., 1985, p. 232.

¹⁶ Bergson, op. cit., 1923, p. 68. Eu sublinho.

¹⁷ Bachelard, G. *L'intuition de l'instant*. Paris, Denoel, 1985 [1932], p. 32.

¹⁸ Bergson, op. cit., 1985, pp. 152-153.

¹⁹ Bergson, op. cit., 1923, pp. 61-62.

²⁰ Bergson, op. cit., 1985, p. 265. Para as relações entre intuição e inteligência constituindo a consciência humana, ver *L'évolution créatrice*. Genebra, Albert Skira, 1945 [1907].

²¹ Poulet, op. cit., v. 4, p. 309.

²² Deleuze, G. *Différence et répétition*. Paris, PUF, 1989.

²³ Proust, M. “Source des larmes qui sont dans les amours passées”. *Les plaisirs et les jours*. Paris, Gallimard, La Pléiade, 1971, p. 119.

²⁴ Nietzsche, F. *Secondes considération intempestive – de l'utilité des études historiques pour la vie [1874]*. Paris, Flammarion, 1988, p. 131. E ainda: “O conhecimento do passado, em todos os tempos, é desejável apenas quando está a serviço do passado e do presente, quando desenraiza os germes vivazes do futuro” (p. 102).

²⁵ Mann, T. *La montagne magique*. In: *Romans et nouvelles – II*, La Pochothèque, pp. 653-654.

²⁶ Bachelard, op. cit., p. 47.

²⁷ Bergson, op. cit., 1923, p. 63.

²⁸ Idem, *ibidem*, pp. 79-80, 63.

²⁹ Bachelard, op. cit., p. 25.

³⁰ Bergson, op. cit., 1985, p. 235.

³¹ Bergson, op. cit., 1923, p. 80.

³² Bergson, op. cit., 1945 [1907], pp. 171-172.

³³ Bergson, op. cit., 1923, pp. 81-82. Eu sublinho. Vale a pena ressaltar, no final dessa passagem, a similitude com a linguagem proustiana.

³⁴ A crítica bergsoniana da inteligência e sua complementação pela intuição é realizada, como apontado, em *L'évolution créatrice*, de 1907, portanto, posterior a *Matière et mémoire* (de 1896). Ver, particularmente, pp. 160-208, 334-340.

³⁵ Observação arguta de Georges Poulet, que serve de introdução ao livro *L'espace proustien*. Paris, Gallimard, p. 9.

³⁶ Bergson, op. cit., 1985. pp. 207-208.

³⁷ Bachelard, op. cit., pp. 13, 26.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 49.

³⁹ “É do presente e unicamente do presente que temos consciência”. Idem, *ibidem*, p. 14.

⁴⁰ Idem, *ibidem*, pp. 34, 39.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 25. Eu sublinho.

⁴² Idem, *ibidem*, pp. 73, 34-35.

⁴³ O livro de Bachelard é de 1932; portanto, contemporâneo à “revolução historiográfica” empreendida pelos *Annales*, na década de 30. Ver, a respeito, os ensaios teóricos de Febvre, L. In: *Combates pela história*. 1953, Lisboa, Presença, 1989, e o clássico *Apologie pour l'histoire ou métier de l'historien*, de Marc Bloch, op. cit.

⁴⁴ Bachelard, op. cit., p. 18.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 33.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 20. Como não assinalar novamente as afinidades com os *Annales* (e sua noção de história-problema), então em formação, ainda que esses últimos afirmassem a noções de “história total” e de “longa duração”, incompatíveis com o pensamento bachelardiano.

⁴⁷ Idem, *ibidem*, pp. 22-23.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 49. Eu sublinho.

⁴⁹ Proust, *Le temps retrouvé*, op. cit., t. III, p. 872.

⁵⁰ Em 1920, por exemplo, Proust é saudado como o “melhor representante da estética bergsoniana” (J. Boulenger). A associação Proust e Bergson permanece dominante até a década de 1960, com apenas alguns estudos buscando sublinhar o contrário, como o de Georges Poulet, em 1950 (“Nada mais falso – escreve – do que comparar a duração proustiana à duração bergsoniana”. In: *Etudes sur le temps humain*, 1).

⁵¹ *Milles vases clos*, em francês.

⁵² Proust, *Le temps retrouvé*, op. cit., t. III. Eu sublinho.

⁵³ Idem, *ibidem*, p. 868. Ou, ainda, nesta outra passagem ilustrativa do embate passado-presente, do caráter agônico presente no ato da memória: “Sempre, nestas ressurreições, o lugar longínquo engendrado em torno da sensação comum se acoplava, um instante, como um lutador, ao lugar atual. Sempre o lugar atual era vencedor; sempre o vencido parecia-me o mais belo (...)” (idem, p. 875).

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 1.031.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 871. Eu sublinho.

⁵⁶ Ponto de vista sustentado por Megay, J. N. *Bergson e Proust – Essai de mise au point de la question de l'influence de Bergson chez Proust*. Paris, J. Vrin, 1976.

⁵⁷ Proust, M. *Le Temps retrouvé*, op. cit., t. III, p. 1.031.

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 1.020.

⁵⁹ Comentário de Poulet, op. cit., p. 19.

⁶⁰ Proust, M. *Le temps retrouvé*, op. cit., t. III, p. 954.

⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 1.029.

⁶² Cito: “entre ele e o instante presente, todo este passado indefinidamente transcorrido que eu não sabia que carregava”. Idem, *ibidem*, p. 1.047.

⁶³ Idem, *ibidem*, p. 989.

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 990.

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 107.

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 872.

⁶⁷ Poulet, op. cit., v. 4, p. 326.